

**O PROCESSO DE CRIAÇÃO AO COMPUTADOR:
CRÍTICA GENÉTICA DO SONETO DE AFIRMAÇÃO I
– COMO HOMO**

Ingrid Ribeiro da Gama Rangel (UENF)

ingridribeiro@gmail.com

Eleonora Campos Teixeira e Nascimento (UENF)

norinhatli@yahoo.com.br

RESUMO

O trabalho do crítico genético é condicionado pelo levantamento dos documentos do processo. Por esta razão, teme-se que a análise genética se torne inviável com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação. De manuscritos, passou-se para arquivos salvos no hardware do computador. Neste cenário, o objetivo do projeto foi analisar como ficará o papel do crítico genético na Pós-modernidade, marcada pelo ciberespaço. A fim de alcançar o objetivo proposto, optou-se por adotar uma metodologia pautada em levantamento bibliográfico e crítica genética de um texto poético escrito na Pós-modernidade. Com o intuito de descobrir se é possível fazer crítica genética de textos escritos diretamente no computador, foi analisado o “Soneto da Afirmação I – Como *Homo*” de Pedro Lyra. A partir das pesquisas teóricas e da análise do soneto, foi possível constatar que a crítica genética no ciberespaço ficará ainda mais condicionada à vontade do autor de preservação dos documentos de seu processo.

Palavras-chave: Crítica genética. Poema. Computador.

1. Introdução

O presente artigo tem, como objetivo principal, verificar o papel do crítico genético de poemas escritos diretamente no computador. A fim de alcançar o objetivo proposto, optou-se por uma metodologia pautada em levantamento bibliográfico – de textos sobre crítica genética, novas tecnologias da informação e comunicação – e a crítica genética do Soneto de afirmação I – *Como Homo*, do poeta Pedro Lyra.

O trabalho do crítico genético consiste em fazer um levantamento dos documentos do processo de criação de uma obra de arte a fim de verificar o trabalho do artista.

A crítica genética analisa os documentos dos processos criativos para compreender, no próprio movimento da criação, os procedimentos de produção, e, assim, entender o processo que presidiu o desenvolvimento da obra. (...) É uma pesquisa que procura por uma maior compreensão dos princípios que norteiam a criação; ocupa-se, assim, da relação entre obra e processo, mais especificamente, procura pelos procedimentos responsáveis pela cons-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

trução da obra de arte, tendo em vista a atividade do criador. (SALLES, 2008, p. 28).

A pesquisadora Cecília Almeida Salles (2008, p. 28) ainda explica que ao crítico genético interessa a obra em seu “vir a ser”. A crítica genética não se restringe às obras textuais. Pode-se verificar o processo criativo de um escultor, de um pintor, de um compositor e até mesmo de um coreógrafo. Desde que o processo de criação seja de alguma forma documentado, pode-se fazer crítica genética.

Em relação à arte textual, a crítica genética normalmente faz uso dos manuscritos do autor para o trabalho de crítica. Evidencia-se a importância dos manuscritos porque, enquanto o texto final é fundamental para o crítico literário, o genético contempla o provisório, a obra em construção.

2. *As tecnologias da comunicação social*

Os seres vivos prescindem da comunicação. Steiner (1990, p. 65) explica que a abelha, por exemplo, sabe o que pretende comunicar quando se movimenta no ar. A vida só é possível por meio da comunicação: “Sobreviver é receber um número suficiente desses sinais. (...) Um organismo que não consiga fazer isto, porque seus receptores estão insensíveis ou porque ele ‘lê mal’, acabará morrendo” (STEINER, 1990, p. 65).

A comunicação humana é diferenciada. Enquanto os animais ficam restritos a um limitado conjunto de códigos que permite que permanecem vivos, os seres humanos criam e recriam linguagem, línguas e meios comunicacionais. Para Langacker (1972, p. 27): “Um falante homem controla um conjunto ilimitado de sinais discretos; os sistemas de comunicação animal abrangem ou um conjunto limitado de sinais discretos”.

No ilimitado processo de comunicabilidade, o ser humano desenvolveu formas de ser declarar ao mundo. O filósofo Pierre Lévy divide o tempo das tecnologias da inteligência em três momentos: oralidade, escrita e informática. O primeiro ‘tempo do espírito’, a oralidade, pode ser dividida em primária, antes da escrita, e secundária, após a invenção e utilização da escrita. Lévy (1993, p. 77) esclarece que: “Numa sociedade oral primária, quase todo o edifício cultural está fundado sobre as lembranças dos indivíduos”.

O segundo momento foi marcado predominantemente pela escrita. Para o crítico genético, o tempo da escrita foi extremamente favorável. Sem muitos artefatos tecnológicos, o artista textual escrevia à mão sua obra. Não são incomuns as descobertas de manuscritos de grandes artistas ou de importantes documentos. No campo da arte, os manuscritos deixados, por exemplo, pela poetiza da geração mimeógrafo Ana Cristina César, deixados em seu caderno diário, ajudam o crítico genético a entender o processo criativo de suas obras.

Com a invenção da imprensa, os textos passaram a ser distribuídos em massa. Entretanto, a produção literária continuou a deixar as marcas de seu processo de criação. Mesmo os textos datilografados deixavam vestígios. Ainda que o artista borrasse com caracteres sua alteração, o crítico genético tinha o indício da alternância da ideia documentada.

Com o advento do computador, a produção literária passou a contar com editores de textos e a possibilidade de eliminação dos documentos do processo criativo. A tecla *delete*, por exemplo, permite que o artista elimine em definitivo a palavra substituída em seu poema.

Neste cenário informacional, o trabalho do crítico genético passou a enfrentar dificuldades. Se ao crítico genético importa a arte em seu por vir e os documentos criativos são registros da produção artística, questiona-se como conseguiria o crítico genético desenvolver o seu trabalho em um período, como explica Bauman (2001), marcado pela liquidez e pelo apego ao momentâneo.

3. A crítica genética Soneto de afirmação I – Como Homo

O soneto, ainda inédito em livro, foi publicado na página do *Facebook*, em 2013, e pela revista da Academia Brasileira de Letras, em 2015. No texto, o poeta faz um convite à reflexão, tirando o leitor do lugar comum, sacodindo convicções e fazendo que se questione o que define a humanidade. Pedro propõe que se pensem nos atributos que frequentemente são apresentados para identificar o homem: a criatividade, a racionalidade e a religiosidade. Organizado em sete dísticos, o soneto contesta todos os atributos, apresentando breves comentários em cada estrofe.

O primeiro dístico lyrano lança a questão: “O que é que nos define como *Homo*?”. O segundo, o terceiro e o quarto dístico apresentam as

respostas da ciência, da filosofia e da religião nos primeiros versos, todas contestadas nos segundos.

O quinto dístico traz um comentário. No sexto e no sétimo é apresentada a resposta conclusiva.

3.1. Os documentos do processo criativo

O esboço inicial, vem datado no alto de “29/10/12, 18h”. São apenas sete linhas como registro de ideias ou somente os temas a desenvolver, das quais apenas a primeira é mesmo um verso, o que abre o soneto.

R-1, a primeira redação, datada de “7/5/13, noite”, foi escrita mais de 6 meses depois. Sem rasuras, como se o poeta fosse escrevendo, retocando e deletando sem deixar marcas de opções anteriores. O documento tem apenas 12 linhas, a nona com apenas um sintagma artigo-substantivo. Todas em escrita linear, sem quebras.

R-2, a segunda redação, datada de “11/5/13, noite cedo”, quatro dias depois de R-1. Esses intervalos mostram que este soneto não absorveu o poeta em sua criação, como tantos outros. Também com apenas 12 versos, em cinco dísticos e dois isolados. Despertam a atenção outros dois dísticos introduzidos à mão no final, totalizando os 14 do soneto.

R-3, terceira redação. Sem data, mas o registro “madrugada” no alto da página sugere que o poeta tenha atravessado a noite inteira para concluir o soneto. Pena que tenha deletado as prováveis muitas alternativas de expressão, ao longo de umas 6 horas ou mais. O soneto está completo, em sete dísticos, com quatro emendas e com barras indicativas da quebra dos versos, na expressão definitiva.

P-1, a primeira publicação, vem com o título de “Soneto de afirmação-I” e o subtítulo de “Como *Homo*”, sintagma final do primeiro verso, na página do autor no *Facebook*, álbum “Desafio – Crítica Genética”, em 2013. Ambos ausentes nas redações. O fato de haver situado este soneto como o primeiro da série “de afirmação”, abrindo a oitava e última parte do livro na próxima edição, revela a importância que o autor lhe atribui. P-2, segunda publicação, na revista da Academia Brasileira de Letras (2015), ratifica a relevância do soneto conceitual lyrano.

3.2. O soneto verso por verso

A crítica genética permite que se acompanhe o processo de criação do artista. Verso por verso, será possível ver o nascer do soneto no esboço inicial, acompanhar seu desenvolvimento e entender o movimento das letras até a versão final, ou a mais recente.

Em posse dos seis documentos do processo, será possível observar o crescimento do poema conceitual, como se fosse possível observar as ideias surgindo na cabeça do poeta.

3.2.1. Primeiro verso

Este verso aparece em esboço inicial sem apenas uma palavra da expressão definitiva. Ele lança a questão que será respondida nos versos seguintes: “O que é que nos define como ser”, que se repete em R-1, mas em R-2 permuta o vernáculo “ser” pelo latino “*Homo*”. A substituição é significativa uma vez que se pode chamar de “ser” todas as coisas, vivas e não vivas. Entretanto, “*Homo*” se refere exclusivamente ao ser humano. Além disso, “*Homo*” marca as várias fases da evolução humana. R-3 introduz a barra da quebra e temos a forma final:

O que é que nos define

como Homo

3.2.2. Segundo verso

O verso aparece pela primeira vez em R-1 com todos os signos da versão definitiva. A única alteração é feita em R-3 com a introdução da barra de quebra dos sintagmas, mantida em P-1 e em P-2:

e nos distingue

dos demais viventes?

3.2.3. Terceiro verso

Em R-2, surge no sétimo verso com o sintagma “A criação!” entre aspas, possivelmente utilizadas para marcar uma fala, uma citação. O verso não é copilado de outro texto, mas as aspas marcam a voz dos que acreditam e defendem a ideia da criação. R-3 introduz a barra da quebra e

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

define o lugar no soneto que o verso ocupará. Em P-1, todo o verso aparece entre aspas e o signo “Criação”, apesar de não abrir o verso, é iniciado com letra maiúscula. Ao ser escrito com seu primeiro caractere maiúsculo, o substantivo – que já aparecia definido pelo artigo “A” – traz a ideia de um nome próprio, ou de uma ideia própria dos que acreditam, por exemplo, que é a criatividade que identifica o homem.

“A Criação!

– Só nós forjamos meios”.

3.2.4. Quarto verso

O verso surge em R-2 já em sua versão definitiva:

(A maioria nunca criou nada.)

3.2.5. Quinto verso

O verso aparece em esboço inicial como “a razão.”. R-1 traz “A ‘razão!’ – reivindica o”. Em R-2 tem-se “‘A razão!’ – Guia livre das escolhas.”. Em R-3, o adjetivo “livre” permuta de lugar com o substantivo “guia”. A alteração provoca uma mudança no sentido. O verso como escrito em R-2 pode apresentar a ideia de que a razão é uma guia que está livre das escolhas. Já em R-3, a razão é um guia que é livre e que permite que façamos escolhas. R-3 divide os versos em sintagmas. Em P-1, as aspas são expandidas para todo o verso.

“A Razão!

– Livre guia das escolhas”.

3.2.6. Sexto verso

(Mas é também usada para o mal.)

para loucuras

O esboço inicial traz o verso como “também usada para o mal”. Em R-1, há a inclusão da conjunção “mas”. Com a alteração, soma-se à

ideia de adição presente em “também” a adversativa “mas”. Em R-2 a versão é mantida e, em R-2, encontra-se rasurada:

O verbo é posto entre as conjunções e, na rasura manuscrita, tem-se “para o mal” substituído por “para loucuras”. Em P-1, a alteração é desfeita:

(Mas é também usada para o mal.)

3.2.7. Sétimo verso

No esboço inicial não aparece o verso, mas a ideia em “a religiosidade”. Em R-1 “A crença!” –. O travessão revela que haverá, no próximo verso, uma fala ou uma explicação.

Em R-2, “A crença!” – Apenas nós temos um Deus.”. Em R-3, é separado o primeiro sintagma. Na versão definitiva:

“A crença!”

– Apenas nós temos um Deus.

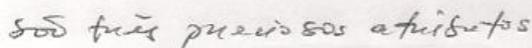
3.2.8. Oitavo verso

O verso é uma espécie de aposto dentro da estrofe. Sempre escrito entre parênteses, surge em R-1: “(Mas o seu objeto é muito incerto e dúbio.)”. Há no verso a ideia de que Deus, que fundamenta a crença dos religiosos, não é uma unanimidade. Muitos não têm certeza ou até mesmo duvidam de sua existência. Desta forma, não seria a crença que distinguiria o homem dos demais viventes, pois há uma parcela dos humanos que não acredita em Deus e, nem por esta razão, deixa de ser *Homo*. A ideia do poeta é ratificada em R-2, quando o verso aparece em sua versão definitiva:

(Os peixes criariam um marinho.)

3.2.9. Nono verso

Surge em R-2, escrito à mão no rodapé da página:



são três principais atributos

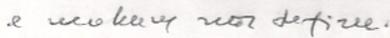
XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Em R-3, há a inclusão da preposição “dos” mudando parcialmente a ideia do verso. Ao invés de dizer que os motivos apontados nas três estrofes anteriores são preciosos atributos, diz-se que são três dos preciosos, ou seja, existem outros importantes atributos que não foram ainda citados. R-3 traz a versão definitiva:

São três dos mais preciosos atributos

3.2.10. Décimo verso

Este verso só aparece em R-2:



Surge apenas com o 1º segmento dos 2 introduzidos na pergunta básica do soneto: o hexassílabo “e nenhum nos define”. Será completado em R-3, com a adição do 2º: “...ou nos distingue”. Uma seta em cima e outra embaixo permuta os 2 verbos e temos então o verso na sua forma definitiva, invertendo a ordem em que aparecem na pergunta:

e nenhum nos distingue ou nos define.

3.2.11. Décimo primeiro verso

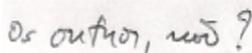
O verso, resposta à indagação feita no início do soneto, surge diferente em R-1 “É só a condição de o indagar”. O pronome pessoal oblíquo “o” é agente reflexivo. O sujeito não apenas indaga, mas se indaga. O autoquestionamento leva a mutabilidade defendida em R-2: “A mudança! – Só nós evoluímos”. Em R-3 há o acréscimo do verbo “É”, a substituição do ponto final por dois pontos e a inclusão da barra de quebra: “É a mudança: / – só nós evoluímos”. O primeiro sintagma deixa de vir entre aspas, levando-se a crer que não se trata de uma citação, mas da própria voz do poeta. Em P-1 o verso surge em sua forma definitiva com a substituição da palavra “mudança” por “Mutaçãõ”. Enquanto a primeira apresenta um sentido genérico, a segunda é frequentemente utilizada por cientistas para designar transformações genéticas. Com a alteração, o poeta declara que o homem não apenas muda de lugar ou de opinião – por exemplo – mas se transforma, inclusive biologicamente. O “Homo” é desvelado, é fruto de sua capacidade de autotransformação. De *Homo*

Australopithecus, passando por *Habilis*, *Erectus*, *Neanderthalensis* até o *Homo Sapiens*.

É a Mutação:

– s  nós evoluímos.

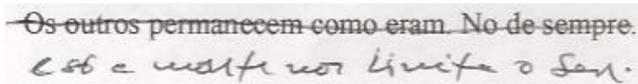
3.2.12. Décimo segundo verso



Os outros, não?

Em R-2 o verso surge com a indaga o:

Assim como nas estrofes anteriores, o poeta apresenta versos com questionamentos ou sentidos antag nicos.



~~Os outros permanecem como eram. No de sempre.~~
E s  a morte nos limita o ser.

Em R-3, afirma-se que “os outros” permanecem imutáveis. Mas o rabisco evidencia a mudança de ideia do poeta. Na caligrafia apressada como se escrita por quem teme ver fugir uma ideia, surge a versão definitiva:

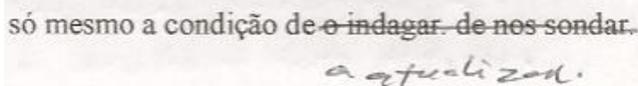
E s  a morte nos limita o ser.

3.2.13. Décimo terceiro verso

O verso surge em R-3: “Para além da perfectibilidade”. Na versão definitiva, substitui-se “Para além” por “No cerne”. A altera o amplia a importância da “perfectibilidade”. Não se pretende ir além do perfeito, mas chegar ao seu núcleo,   sua parte mais importante.

No cerne da perfectibilidade,

3.2.14. Décimo quarto verso



s  mesmo a condi o de o indagar. de nos sondar.
a atualizar.

Surge em R-3:

O poeta inicia a criação do verso com o *Homo* sendo o núcleo. Entretanto, rabisca os sintagmas que remetem ao *Homo* e manuscreeve “a atualizar” com o pronome no feminino, referindo-se à “perfectibilidade”. A ideia em R-3 é que para além da perfeição, só a condição humana de atualizar.

Na versão definitiva, surge a palavra “eterna” mostrando que o *Homo* sempre desejará mudar e mudar-se porque o conceito de “perfectibilidade” é atualizável.

a eterna condição de a atualizar.

4. Considerações finais

A crítica genética do soneto lyrano, escrito diretamente no computador, foi realizada a fim de verificar, com o amparo do referencial teórico, qual será o papel do crítico genético de poemas no tempo da informática.

O trabalho genético do “Soneto da Afirmação I – Como *Homo*” foi possível devido ao acesso aos documentos do processo criativo. O poeta, apesar de ter escrito o poema diretamente no computador, preservou os textos que registraram o soneto sendo gerado, em construção.

Conhecedor da crítica genética e apaixonado por poesia, Pedro Lyra sabe a importância da preservação dos textos para a história de seus sonetos.

Com o desenvolvimento da metodologia proposta – pesquisa bibliográfica e crítica genética do soneto escrito no computador – pode-se constatar que o trabalho do crítico genético é possível, mesmo meio às novas tecnologias de informação e comunicação. O poeta que se interessar em preservar os documentos de seu processo criativo não terá dificuldades. É possível arquivar as versões do texto em pastas, ou fazer uso de opções como “controlar alterações”, presentes em softwares destinados à produção textual.

A principal mudança verificada com a pesquisa é que o crítico ficará ainda mais subordinado ao desejo do artista em preservar, ou não, os documentos de seus processos. Aos que desejarem preservar, opções se-